

# Machado de Assis

*A complexidade de um clássico*

organizado por Sonia Netto Salomão



SAPIENZA  
UNIVERSITÀ EDITRICE

2024

Volume pubblicato con il contributo della Cattedra Vieira della Sapienza / Instituto Camões di Lisbona. (Revisione tecnica di Sonia Netto Salomão, Marcella Petriglia, Michela Graziosi, Veronica Pietronzini, Andrea Tomassoni, Greta Usai e Giada Polo)

Copyright © 2024

**Sapienza Università Editrice**

Piazzale Aldo Moro 5 – 00185 Roma

[www.editricesapienza.it](http://www.editricesapienza.it)

[editrice.sapienza@uniroma1.it](mailto:editrice.sapienza@uniroma1.it)

Iscrizione Registro Operatori Comunicazione n. 11420

*Registry of Communication Workers registration n. 11420*

ISBN: 978-88-9377-350-8

DOI 10.13133/9788893773508

Pubblicato nel mese di novembre 2024 | *Published in November 2024*



Opera distribuita con licenza Creative Commons Attribuzione – Non commerciale – Non opere derivate 3.0 Italia e diffusa in modalità open access (CC BY-NC-ND 3.0 IT)

*Work published in open access form and licensed under Creative Commons Attribution – NonCommercial – NoDerivatives 3.0 Italy (CC BY-NC-ND 3.0 IT)*

In copertina | *Cover image: Machado de Assis (1839-1908), Fundação Biblioteca Nacional, [www.picryl.com](http://www.picryl.com)*

# Sumário

Introdução	9
ASPECTOS DA POÉTICA MACHADIANA	
1. Mad Machado: do humor à loucura <i>David Jackson</i>	21
2. Machado de Assis, teórico do romance <i>Sandra Guardini</i>	33
3. O grande salto mortal (nas asas do pequeno saldo) <i>Abel Barros Baptista</i>	45
4. Fernão Mentos? Minto: <i>O segredo do bonzo</i> e a questão do narrador sem fundamento <i>Paul Dixon</i>	57
A PERSPECTIVA DA LITERATURA COMPARADA	
5. Machado através da hermenêutica de feições e do prisma narrativo alemão <i>Elide Valarini Oliver</i>	71
6. 1 cena, 2 capítulos ou o narrador como rei: <i>Dom Casmurro</i> e <i>Conto de inverno</i> <i>João César de Castro Rocha</i>	87
7. Machado e Rosa: um olhar além de seu tempo <i>Eduardo F. Coutinho</i>	97
8. Intertexto, intermedia: Machado e a epistemologia do olhar <i>Carlos Reis</i>	107

9. *El punto ciego* de Machado de Assis 121  
*Giorgio de Marchis*
10. Retratos que valem por originais: intermedialidade  
em Machado de Assis e Almeida Garrett 131  
*Sara Grünhagen*

CRÔNICA, POESIA, TEATRO, CRÍTICA, CORRESPONDÊNCIA

11. Machado de Assis cronista satírico da *Semana Ilustrada*  
(RJ, 1860-1876) 145  
*Sílvia Maria Azevedo*
12. A visão poética de Machado em *Chrysalidas* (1864),  
a partir da reescrita de narrativas de redenção em *O dilúvio* 157  
*Sarah Burnautzki*
13. O poeta na maturidade: Machado de Assis  
e as *Poesias completas* 171  
*Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso*
14. Diálogos transatlânticos: as conexões luso-brasileiras  
na epistolografia machadiana 183  
*Marianna França Monteiro*
15. Revendo o Instinto de nacionalidade 193  
*José Luís Jobim*
16. Teatro e escravidão sob a ótica de Machado de Assis 205  
*João Roberto Faria*

TEMAS IDENTITÁRIOS: A ESCRAVIDÃO, A QUESTÃO FEMININA

17. “De interesse geral” : a escravidão em contos e crônicas  
de Machado de Assis 219  
*Rita Olivieri-Godet*
18. Cor, raça e classe no Machado de Assis (1917) de Alfredo Pujol 235  
*Raquel Campos*
19. Sobre a tradução de ideias misóginas, os homens tolos  
e as mulheres de espírito na formação da literatura brasileira 247  
*Ana Cláudia Suriani da Silva*

## A LÍNGUA LITERÁRIA DE MACHADO DE ASSIS

20. Uma poética zigue-zague: a língua literária de Machado de Assis e a sua voz popular (ditados, pregões, canções) 261  
*Sonia Netto Salomão*
21. Entre a expressão de questões identitárias e a solicitação do leitor: exemplos dos “jogos metalinguísticos” de Machado de Assis 277  
*Michela Graziosi*
22. Aspectos da oralidade no *Memorial de Aires* 291  
*Marcella Petriglia*
23. “O adjetivo é a alma do idioma”. As séries adjetivais na obra de Machado de Assis: reflexões linguísticas e tradutórias 303  
*Simone Celani*
24. Machado de Assis e o português do Brasil: (des)encontros? 319  
*Roberto Mulinacci*

## MACHADO EDITOR E EDITADO

25. Machado de Assis, editor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* 333  
*Lúcia Granja*
26. Notas sobre a pontuação em Machado de Assis 347  
*Hélio de Seixas Guimarães*

## A TRADUÇÃO

27. Machado de Assis na Espanha: recepção e tradução 363  
*Antonio Maura*
28. Traduções de obras de J. M. Machado de Assis em língua inglesa – vozes no itinerário internacional 373  
*Válmi Hatje-Faggion*
29. A aventura de traduzir Machado para o italiano 385  
*Amina Di Munno*

## ESCRITORES EM INTERTEXTO : DEPOIMENTOS

30. Machado em contradança 399  
*Ana Maria Machado*

31. Capitu, Memórias Póstumas – Bastidores do texto	405
<i>Domício Proença Filho</i>	
32. O Conselheiro Aires como homem de papel	413
<i>João Almino</i>	
Autores	419

## 23. “O adjetivo é a alma do idioma”.

### As séries adjetivais na obra de Machado de Assis: reflexões linguísticas e tradutórias.

*Simone Celani*, Sapienza Universidade de Roma

Os adjectivos são uma categoria gramatical extremamente interessante, embora muitas vezes maltratada; uma categoria que dá muito que pensar, tanto do ponto de vista estilístico como do ponto de vista da tradução. Há algum tempo, dediquei-me à adjetivação de Italo Calvino, em chave tradutória<sup>1</sup>. Nesse caso, a escolha do adjetivo como foco de análise foi favorecida por uma reflexão sugestiva de Pier Vittorio Mengaldo:

Il procedere per coppie e terne è particolarmente frequente nella, mirabile, aggettivazione calviniana («una desolazione ispida, stagnante, minerale»), dove ancora una volta non si tratta (anche se sono preferite le collocazioni raffinate AAS o ASA) di cedimento alla pura eleganza, ma di amor di precisione, di autocorrezione (nel senso di *correctio*) continua. E se vogliamo appunto interpretare coppie e serie aggettivali come rispondenti allo schema mentale «non solo *a*, ma *b*, *c*...», siamo nei paraggi della figura retorica e prima mentale dominante in Calvino, cioè la *correctio* («non *a* ma *b*» ecc.), nelle sue varie forme cui si possono accostare le affermazioni probabilistiche dominate dal frequentissimo *forse*, e molto altro. È chiaro che ci troviamo di fronte a qualcosa che risponde, nella mente di Calvino, a cautela, indeterminazione, relativismo (anche linguistico)<sup>2</sup>.

Partindo dessas premissas, e de um salto lógico funambulesco – e provavelmente impróprio –, a idéia para a presente contribuição foi tentar aplicar uma reflexão e uma análise tradutória semelhantes à obra de Machado de Assis. A idéia, no entanto, pareceu naufragar quase que imediatamente, quando descobri dois fatos um tanto dramáticos. O

---

<sup>1</sup> Celani 2022.

<sup>2</sup> Mengaldo 1994, pp. 169-170.

primeiro é que, em algumas passagens-chave de suas obras, Machado maltrata um pouco os adjetivos, considerando-os babados inúteis ou, pior ainda, sintomas da retórica altissonante e verborrágica típica de demagogos e políticos. Menciono aqui, apenas a título de exemplo, três citações que considero bastante significativas.

Uma primeira e célebre referência encontra-se já no texto *Teoria do medalhão*, citado por Sônia Netto Salomão precisamente em relação aos adjectivos<sup>3</sup>; escreve Machado:

Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesadão e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores, o anilado dos céus, o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e suculento dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário<sup>4</sup>.

Duas outras citações bastante explícitas encontram-se no corpus das crônicas. Por exemplo, num texto datado de 1 de abril de 1862, lê-se:

Mas sabe o leitor quem teve grande influência nas festas de anteontem? O adjetivo. Não ria, leitor, o adjetivo é uma grande força e um grande elemento! E ninguém melhor que os publicistas do *Jornal do Comércio* compreendem o valor que ele tem, e nem o emprega melhor. Foi o adjetivo quem fez as despesas das arengas escritas anteriormente em defesa da estátua. Na apoteose, o adjetivo serviu de óleo cheiroso com que se incensou todas as virtudes duvidosas. Na censura, o adjetivo foi, por assim dizer, o suco venenoso com que aqueles bugres ungeram a ponta das suas flechas. Bem empregado, com jeito e a tempo, como do ferro aconselha o poeta para tornar mezinha, o adjetivo fez nos artigos ministeriais um grande papel. Veja o leitor como esta palavra – imortal – veio sempre em auxílio de um substantivo desamparado de importância intrínseca. Se, por cansado, não podia ele aparecer mais vezes, lá vinha um *ínclito*, lá vinha um *magnânimo*, lá vinha um substantivo *augusto*. E outros e outros da mesma valia e peso. Os artigos ministeriais reduzidos a verso podiam figurar entre as produções da Arcádia, do Caldas, sem quebra nem descor. Não ria o leitor demasiado sério da importância destas considerações. Desconhecer o adjetivo monta o mesmo que desconhecer a luz. O adjetivo foi introduzido nas línguas como uma

<sup>3</sup> Salomão 2019, p. 180.

<sup>4</sup> Assis 1959, II, p. 293.

imagem antecipada dos títulos honoríficos com que a civilização devia envergonhar os peitos nus e os nomes singelos dos heróis antigos<sup>5</sup>.

Numa outra crónica, datada de 16 de maio de 1885, Machado escreve:

- Eu, se fosse Imperador? Isso agora é mais complicado. Eu, se fosse Imperador, a primeira coisa que faria era ser o primeiro céptico do meu tempo. Quanto ao caso de que se trata, faria uma coisa singular, mas útil: suprimiria os adjetivos. — Os adjetivos? — Vocês não calculam como os adjetivos corrompem tudo, ou quase tudo; e quando não corrompem, aborrecem a gente, pela repetição que fazemos da mais ínfima galanteria. Adjetivo que nos agrada está na boca do mundo. — Mas que temos nós outros com isso? — Tudo. Vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida e futuro. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos do Estado, resolvia de golpe essa velha questão, e cumpria esta máxima, que é tudo o que tenho colhido da história e da política, e que aí dou por dois vinténs a todos os que governam este mundo: Os adjetivos passam, e os substantivos ficam<sup>6</sup>.

A atitude de Machado perante os adjetivos, diria mais ética e política do que linguística, transparece claramente nestes textos: eles são o instrumento primordial do burocratismo vazio, do discurso pomposo, fumo aos olhos para quem procura a substância e a concretude, aparelho de quem quer diluir ou confundir a realidade, representada ao contrário pelo substantivo, na sua forma pura e incorrupta. Diga-se ainda que, em absoluta (in)coerência com o que se afirma, é absolutamente admirável o uso que Machado faz dos adjetivos nestas passagens.

O segundo facto dramático com que tive de me confrontar ao tentar aplicar o meu raciocínio inicial a Machado é que parte da literatura crítica parece ter uma visão bastante redutora do uso de adjetivos em Machado.

Guilherme Santos Neves, por exemplo, num artigo de 1959, escreve:

Ninguém contesta – à simples leitura da obra machadiana – que o estilo do Mestre incomparável seja predominantemente verbal e nominal. Nêle é notória a constância dos dois elementos de maior carga ou força expressiva – o substantivo e o verbo – reservando-se ao adjetivo ou epíteto (embora não tão escassos, como veremos adiante) lugar secundário no corpo de

<sup>5</sup> Assis 2015a, pp. 190-191.

<sup>6</sup> Ibid., pp. 1217-1218.

suas frases. Há tempo – a partir de 1939 – os técnicos do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação, através de pesquisa de equipe, feita num dos livros de Machado – o Dom Casmurro – chegaram a êste resultado significativo: Das 55.021 palavras usadas naquele “romance perfeito” (repetindo apenas 3.824 vocábulos diferentes), 22% são verbos: 19%, substantivos; 13%, preposições; 11%, artigos; 9%, conjunções; 8%, advérbios; 7%, pronomes pessoais; 7%, possessivos, demonstrativos, indefinidos, numerais e interjeições, e, finalmente, apenas 4% são adjetivos qualificativos. (Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos”, vol. IV, abril, 1945, n° 10, p. 77). Por essa estatística – fácil de confirmar-se em outras obras da 2ª fase literária de Machado de Assis – pode-se sentir a preferência que o Mestre conferia ao substantivo e ao verbo – predileção que, via de regra, não ocorre em outros escritores nacionais daquela ou de qualquer outra época. Geralmente (influência do clima? da raça? contágio da luxuriante natureza que nos cerca? o velho pulsar patriótico do inflado ufanismo?) geralmente, nossos poetas e prosadores usam e abusam de virente vegetação adjetiva, colorindo e musicando as frases, que, nessas condições, se destinam mais aos nossos olhos e ouvidos, que ao nosso entendimento. Ora, o leitor brasileiro (em sua quase totalidade) gosta é dêsse aparato vistoso e musical, dessa verborragia artística e sonora, das frases bem lançadas, que dêem estalos e tenham fulgurações de estrêlas. “Deus sabe a força de um adjetivo (dizia Machado, “Memórias Póstumas de Brás Cubas, cap. LXXXVII) “Deus sabe a força de um adjetivo principalmente em países novos e cálidos”... Machado – escritor diferente – não utilizou os vocábulos senão “quando a idéia os trazia consigo” (Nota (reproche) apensa aos “Papéis avulsos”), senão para dar mais clareza ou nitidez ao pensamento. Por isso, sua prosa não é bela, mas é boa<sup>7</sup>.

Isso não quer dizer, porém, que Santos Neves se recuse a reconhecer casos em que o adjetivo é usado em Machado de forma magistral:

Tomemos para o breve estudo o mesmo conto “Primas de Sapucaia”, e focalizemos preferentemente o encaixe das formas adjetivas. Através desse desfile, veremos, por exemplo, que contra a opinião geralmente admitida – os adjetivos não são tão somenos e escassos na construção machadiana. Ao revés disso, estão constantemente no corpo do discurso, alongando-o, dando-lhe certa harmonia ou sonoridade, equilibrando, enfim, a estrutura plástica da frase. Basta ver êste conto que tomamos aqui para exame. Mal contadas, há, nêle, 122 formas adjetivas, das quais 52 são binárias, e 66 formas isoladas ou singelas. Numa única vez Machado de Assis espicha o número de atributos, chegando a quatro. E no trecho da página 117:

<sup>7</sup> Neves 1959, pp. 96-97.

“Vi então que era ferrenha, manhosa, injusta, muita vez grosseira”. A proporção é, como se vê, bem expressiva, e comprova, sem a menor dúvida, a preferência do Mestre para as formas binárias adjetivas<sup>8</sup>.

Assim, mesmo dentro de uma posição predominantemente reducionista, a presença de pares adjetivais é notada e enfatizada como elemento estilístico próprio e reconhecível. Alguns anos mais tarde, porém, Roberto Sampaio também retoma a ideia da reduzida importância do adjetivo em Machado:

Nenhum dos grandes escritores brasileiros igualou a Machado na concisão. Era uma virtude estilística por ele penosamente buscada—Afirmara-o, certa feita: «Deus sabe a força de um adjetivo em países novos e cálidos». Posto que tivesse um frasear espontâneo, suave, fluente, continha-se, reprimia-se, para não sair do equilíbrio, do aticismo de seus períodos. Parecia trazer fixada a advertência de Voltaire: «o adjetivo é inimigo do substantivo»<sup>9</sup>.

No entanto, esta posição é desmentida por outros julgamentos sobre a importância do adjetivo em Machado, como o de Aurélio Buarque de Hollanda, que afirma: “Observemos ainda, a propósito de adjetivos, a originalidade com que Machado sabia muita vez usá-los. Originalidade chocante em alguns casos”<sup>10</sup>. Por outro lado, a afirmação relativa ao escasso uso de adjetivos em Machado e a que sublinha a sua relevância não são necessariamente contraditórias; pelo contrário, poder-se-ia inferir que, precisamente porque a adjetivação é parca, quando presente assume particular relevância. Uma relevância que é também claramente sublinhada por Sônia Netto Salomão: “Machado, de Assis, criado na escola de Victor Hugo, Baudelaire e Flaubert, sabia muito bem que o adjetivo comunica a tonalidade à expressão. [...] Uma das características do adjetivo machadiano, por sinal, é o seu aspecto psicológico [...]. Muitos são os exemplos de adjetivos que intensificam, geralmente acompanhados por entonação exclamativa”<sup>11</sup>.

Para finalizar esta breve resenha crítica, acrescente-se que o adjetivo é também objeto específico de duas entradas no *Dicionário Machado*

---

<sup>8</sup> Ibid., p. 105.

<sup>9</sup> Sampaio 1964, p. 226.

<sup>10</sup> Ferreira 2007, p. 39.

<sup>11</sup> Salomão 2019, p. 180.

de Assis<sup>12</sup>. A primeira entrada, intitulada simplesmente *Adjetivação*<sup>13</sup>, limita-se a analisar alguns exemplos, mas não fornece uma interpretação global. Em todo o caso, a partir dos exemplos apresentados, é possível identificar algumas funções específicas desempenhadas pela adjetivação, como a intensificação semântica (através da sinonímia), a acumulação, a amplificação e a *correctio* (de acordo com a definição de Mengaldo, já referida). Uma outra função é definida em pormenor pela segunda entrada do *Dicionário*, intitulada *Adjetivação compensatória*<sup>14</sup>: “É um artifício usado por Machado de Assis para transmitir, de forma atenuada ou contrastiva, o que ele realmente quer dizer ou realçar. Certas adjetivações apresentam-se impregnadas de humor, outras de ironia ou de perplexidade diante de algum fato para o qual o narrador não encontra explicação”<sup>15</sup>. Por fim, a adjetivação é também mencionada nas entradas *Gradação*<sup>16</sup> e *Hipálage*<sup>17</sup>.

Chegou o momento de analisar alguns exemplos, primeiro no original e depois através das suas traduções, raciocinando sobre o contributo semântico dado pelo adjetivo isolado, mas também e sobretudo sobre a inter-relação “alquímica” subjacente à justaposição de dois ou mais adjectivos, em que o segundo (e depois, se for caso disso, o terceiro, o quarto, etc.) não vale tanto por si mesmo, mas pelo que acrescenta, ou subtrai, ou modifica em relação ao significado definido pelo primeiro. Na tradução, passa-se o mesmo: não se pode simplesmente traduzir todos os adjectivos, mas é preciso traduzir também a relação ou a tensão semântica criada entre eles. De seguida, analisaremos algumas passagens, sem qualquer pretensão de exaustividade, que serão comparadas com algumas traduções italianas<sup>18</sup>, espanholas, francesas e inglesas.

O primeiro caso analisado é o do mais famoso jogo adjectival criado por Machado, no incipit das *Memórias póstumas*: “eu não sou propriamente um autor defunto mas um defunto autor”<sup>19</sup>. No *Dicionário de Machado de Assis*, acima citado, está escrito:

<sup>12</sup> Carvalho 2018.

<sup>13</sup> *Ibid.*, pp. 18-21.

<sup>14</sup> *Ibid.*, pp. 226-227.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> *Ibid.*, pp. 300-301.

<sup>17</sup> *Ibid.*, pp. 310-314.

<sup>18</sup> Para uma lista completa e fundamentada das traduções italianas, ver Salomão 2019, pp. 281-284.

<sup>19</sup> Assis 2012, p. 629.

Trata-se de um quiasmo perfeito (AB x BA; v. verbete), em que, no primeiro caso, autor é um substantivo modificado pelo adjetivo defunto, ou seja, “eu não sou um autor falecido”; no segundo caso, inverte-se a situação: defunto é que é substantivo, e autor passa a adjetivo, subentendendo-se: “sou um personagem que virou autor depois de morto”. Não é por acaso que suas memórias são póstumas. Ora, só a versatilidade da sintaxe de colocação portuguesa é que permite esse jogo estilístico, genialmente explorado pela sensibilidade linguística de Machado de Assis<sup>20</sup>.

A afirmação de que este jogo só é possível devido às características da língua portuguesa é certamente exagerada; no entanto, ao analisarmos alguns exemplos de tradução, percebemos que se trata, no mínimo, de uma exclusividade românica, não facilmente replicável numa língua como o inglês, por exemplo.

	<i>Memórias póstumas</i>	eu não sou propriamente um autor defunto mas um defunto autor
<b>Italiano</b>	Mario da Silva (Assis 1928)	non sono propriamente uno scrittore defunto, ma un defunto scrittore
	Giuseppe Alpi (Assis 1929)	io non sono propriamente un autore defunto, ma un defunto autore
	Laura Marchiori (Assis 1953)	io non sono veramente un autore defunto, ma un defunto autore
	Daniele Petruccioli (Assis 2020a)	non sono propriamente un autore defunto bensì un defunto che fa l'autore
<b>Inglês</b>	Neil McArthur (Assis 2018)	I am not properly a deceased author, but a late author
	Margaret Jull Costa and Robin Patterson (Assis 2020b)	I am not so much a writer who has died, as a dead man who has decided to write
	Flora Thomson-DeVeaux (2020c)	I'm not exactly an author recently deceased, but a deceased man recently an author
<b>Francês</b>	Adrien Delpech (Assis 1911)	je ne suis pas à proprement parler un auteur défunt, mais un défunt auteur
	René Chadebec de Lavalade (Assis 2015c)	je ne suis pas, à proprement parler, un auteur défunt, mais un défunt auteur
<b>Castelhano</b>	José Ángel Cilleruelo (Assis 2007)	yo noí soy propriamente un autor difunto, sino un difunto autor
	Javier Fornell (Assis 2022a)	no soy exactamente un autor fallecido, sino un fallecido autor

<sup>20</sup> Carvalho 2018, p. 18.

Entre as línguas românicas, as soluções são bastante homogêneas, com pequenas variações, à exceção da escolha feita em italiano por Daniele Petruccioli, que recorre a uma estratégia de explicitação; as traduções inglesas, por outro lado, apresentam soluções mais variadas: a tradução de Costa e Patterson explicita, a de McArthur interpreta e, finalmente, a de Thomson-DeVeaux tenta manter a imagem espelhada, em forma de quiasmo, da versão original.

No que diz respeito às séries binárias de adjetivos, é interessante analisar alguns exemplos retirados de *Dom Casmurro*, nomeadamente no capítulo IV, quando se descreve a personagem de João Dias:

Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um arco de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodaque de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus cinqüenta e cinco anos. Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado se era dos preguiçosos, mas um vagar calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão. Um dever amaríssimo!<sup>21</sup>

Neste trecho, encontramos três pares adjetivais: o primeiro, “caseira/leve”, enriquece um adjetivo ligado a uma categoria de vestuário com um elemento material; o segundo, “magro/choupado”, apresenta um exemplo de amplificação semântica; o terceiro, “calculado/deduzido”, reforça o valor premeditado da atitude da personagem descrita.

Vejamos algumas traduções.

	<i>Dom Casmurro</i>	veste caseira e leve	Era magro, chupado	um vagar calculado e deduzido
<b>Italiano</b>	Laura Marchiori (Assis 1958)	veste casalinga e leggera	Era magro, smunto	una lentezza calcolata e dedotta
	Gianluca Manzi / Léa Nachbin (Assis 2014a)	veste leggera e da casa	Era magro, smunto	una lentezza calcolata e dedotta
	L. R. Rossi (Assis 2023a)	un abito casalingo e leggero	Era magro, ossuto	un passo calcolato e dedotto

<sup>21</sup> Assis 2012, p. 1300.

<b>Inglês</b>	Helena Caldwell (Assis 2014b)	Simple jacket	He was thin, drawn	a calculated, deliberate slowness
	H. J. Lowe Assis 2023b	a light and homemade garment	He was thin, emaciated	a calculated and deduced slowness
<b>Francês</b>	Anne-Marie Quint (Assis 2015b)	léger vêtement d’intérieur	Il était mai- gre, avec des joues creuses	une lenteur traînante et déduite
<b>Castelhano</b>	Danilo Albero Vergara (Assis 2019)	prenda casera y leve	Era delgado, de mejillas hundidas	un vagar calculado y deducido
	Adriana García Arriola / Jorge Uribe (Assis 2022a)	prenda casera y liviana	Era delgado, chupado	una lentitud calculada y deducida

Note-se que, no primeiro caso, o par é neutralizado na versão de Caldwell, enquanto a versão de Quint substitui um dos adjetivos por um sintagma preposicional; o segundo par é expandido de forma paralela seja na versão francesa de Quint seja na versão espanhola de Arriola e Uribe; quanto ao terceiro, são interessantes as soluções interpretativas adoptadas por Caldwell para “deduzido” (“deliberate”) e por Quint para “calculado” (“traînante”). Este último par adjetival merece, no entanto, um olhar mais atento, pois insere-se num contexto rico em paralelismos lexicais, em que a passagem de categoria gramatical fornece uma espécie de foco semântico ao adjetivo “vagaroso”, que, por sua vez, passa a ser definido por outros adjetivos. Essa estrutura representa um jogo linguístico muito peculiar, que reverbera nas traduções.

	<i>Dom Casmurro</i>	Levantou-se com o passo vagaroso do costume, não aquele vagar arrastado dos preguiçosos, mas um vagar calculado e deduzido, um silogismo completo, a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão.
<b>Italiano</b>	Gianluca Manzi / Léa Nachbin (Assis 2014a)	Si alzò con la solita andatura lenta, non la lentezza strascicata dei pigri, ma una lentezza calcolata e dedotta, un sillogismo completo, la premessa prima della conseguenza, la conseguenza prima della conclusione.
	L. R. Rossi (Assis 2023a)	Si alzò con il passo lento dell’usanza, non il passo lento dei pigri, ma un passo calcolato e dedotto, un sillogismo completo, la premessa prima della conseguenza, la conseguenza prima della conclusione.

<b>Inglês</b>	Helena Caldwell (Assis 2014b)	He walked off with his usual slow step – not the dragging slowness of a lazy man, but a calculated, deliberate slowness, a complete syllogism, the major premise before the minor, the minor premise before the conclusion.
	H. J. Lowe Assis 2023b	He rose with his customary slow pace, not the slow dragging pace of the lazy, but a calculated and deduced slowness, a complete syllogism, premise before consequence, consequence before conclusion.
<b>Francês</b>	Anne-Marie Quint (Assis 2015b)	Il se leva, de sa démarche lente habituelle, non pas avec cette lenteur traînante des paresseux, mais avec une lenteur calculée et déduite, un syllogisme parfait, les prémisses avant la conséquence, la conséquence avant la conclusion.
<b>Castelhano</b>	Danilo Albero Vergara (Assis 2019)	Se levantó con el paso lento de costumbre, no el caminar arrastrado de los perezosos, sino un vagar calculado y deducido, un silogismo completo, la premisa antes de la consecuencia, la consecuencia antes de la conclusión.
	Adriana García Arriola / Jorge Uribe (Assis 2022a)	Se levantó con su acostumbrado paso lento, no aquella lentitud arrastrada de los perezosos, sino una lentitud calculada y deducida, un silogismo completo, la premisa antes de la consecuencia, la consecuencia antes de la conclusión.

Verifica-se que a estrutura original é mantida por Manzi e Nachbin (“slow”, “slowness”), Caldwell (“lento”, “slowness”), Quint (“lent”, “lenteur”) e Arriola e Uribe (“slow”, “lentitud”). As outras traduções, pelo contrário, alteram-no, perdendo a elegante estrutura sintáctica que dá corpo ao “silogismo completo” referido um pouco mais adiante.

Vejamos agora as estruturas adjectivais ternárias, através de três exemplos novamente extraídos das *Memórias póstumas*. O primeiro vem do capítulo I: “peinerava uma chuvinha miúda, triste, constante”<sup>22</sup>; o segundo e terceiro exemplos encontram-se no capítulo IV: “uma filosofia desigual, agora austera logo brincalhona”<sup>23</sup> e “bandeira grande, pública, ostensiva”<sup>24</sup>. Observemos as diferentes soluções de tradução.

<sup>22</sup> Ibid., p. 629.

<sup>23</sup> Ibid., p. 633.

<sup>24</sup> Ibid.

	<i>Memórias póstumas</i>	uma chuvinha miúda, triste e constante	uma filosofia desigual, agora austera logo brincalhona	bandeira grande, pública, ostensiva
<b>Italiano</b>	Mario da Silva (Assis 1928)	un'acquerugiola sottile, triste e implacabile	una disuguale filosofia ora austera ora giocosa	grande, pubblica bandiera
	Giuseppe Alpi (Assis 1929)	una pioggerella sottile, minuta, triste e costante	una filosofia ineguale, ora austera, ora scherzosa	bandiera grande, pubblica, spiegata ai venti
	Laura Marchiori (Assis 1953)	una pioggerellina sottile, triste e insistente	una filosofia diseguale, ora austera, ora scherzosa	vessillo grandioso, pubblico, ostentato
	Daniele Petruccioli (Assis 2020a)	una pioggerellina, di quelle sottili sottili, tristi e tenaci	una filosofia ondivaga, ora austera, poi scherzosa	grande vessillo sgargiante e universale
<b>Inglês</b>	Neil McArthur (Assis 2018)	a gentle rain, sad and constant	an unequal philosophy, now austere, now playful	great, public, overt flag
	Margaret Jull Costa and Robin Patterson (Assis 2020b)	a fine, sad, constant rain	its philosophy is somewhat uneven, one moment austere, the next playful	large, flamboyant, public flag
	Flora Thomson-DeVeaux Assis 2020c	a fine, doleful, steady patter	inconstant philosophy, first austere and just as quickly playful	large, public, prominent flag
<b>Francês</b>	Adrien Delpech (Assis 1911)	une pluie fine passée au tamis	une philosophie inégale, tantôt austère, tantôt folichonne	haute et ostensible bannière
	René Chadebec de Lavalade (Assis 2015c)	une petite pluie fine, tamisée	d'une philosophie inégale, tantôt sévère, tantôt plaisante	grand drapeau flottant publiquement, ostensiblement
<b>Castelhano</b>	José Ángel Cilleruelo (Assis 2007)	una llovizna menuda, triste y constante	filosofía desigual, ahora austera, luego juguetona	bandera grande, pública, ostentosa
	Javier Fornell (Assis 2022a)	una pequeña ducha, triste y constante	filosofía desigual, ahora austera, juguetona	bandera grande, pública y ostentosa

A primeira tríade apresenta um desenvolvimento semântico interessante, passando de um dado descritivo e material para significados psicológicos e temporais, respetivamente, que caracterizam o valor emocional e moral do fenómeno meteorológico. Nas versões italianas, é de notar a grande variedade das traduções de “constante”, que em três casos em quatro deslizam para um significado que acrescenta uma nuance psicológica ao elemento temporal, de modo a tornar a chuva quase um agente ativo, no qual está presente uma vontade persecutória; uma solução que não se encontra noutras línguas.

A segunda tríade representa uma expressão plástica de oscilação e contradição, de uma inconstância programática; aqui o adjetivo que oferece mais pistas é “unequal”, com o interpretativo “ondivaga” de Petruccioli e as múltiplas soluções das traduções inglesas, entre as quais se destaca o moralizante “inconstant”.

A terceira tríade representa uma espécie de clímax de visibilidade e extensão do valor material, mas também ideal, do objeto; é notável em algumas traduções o diferente posicionamento dos adjectivos, não em série, que quebra o clímax, como em Petruccioli ou Lavalade, ou a eliminação de um dos adjectivos, em Silva e Delpech.

Como último exemplo, apresentamos uma série múltipla, que chega a acumular sete adjectivos, do capítulo CXVIII de *Quincas Borba*.

	<i>Quincas Borba</i>	Achava os homens declamadores, grosseiros, cansativos, pesados, frívolos, chulos, triviais.
<b>Italiano</b>	Elena Tantillo (Assis 2009)	Trovava gli uomini ampollosi, villani, noiosi, importuni, superficiali, scurrili, triviali.
	Valentina Manzo (Assis 2012)	Trovava gli uomini carichi di accenti enfatici, volgari, pesanti, opprimenti, frivoli, banali, scurrili.
<b>Inglês</b>	Gregory Rabassa (Machado 1998)	He found men declamatory, coarse, tiring, boring, trivial, crude, banal.
<b>Francês</b>	Jean-Paul Bruyas (Assis 1990)	Il trouvait les hommes emphatiques, vulgaires, lassants, ennuyeux, frivoles, grossiers, triviaux.

Este é um exemplo extremo, em que a acumulação semântica segue uma série de passos lógicos que se poderiam resumir da seguinte forma: “declamadores” já prevê um sentido vagamente negativo, de excesso verbal; “grosseiros” identifica uma maneira de ser e, somado ao anterior, fornece um juízo qualitativo (mais negativo) da loquacidade; “cansativos”

identifica o efeito que as atitudes anteriores têm sobre os outros; “pesados” liga-se ao anterior e identifica algo “que tem peso”, importuno, fatigante; “frívolos” contrabalança o precedente, porque os homens são pesados mas, ao mesmo tempo, sem substância, moralmente leves, superficiais: é uma espécie de compensação, mas pela negativa; “chulos”, que está ligado a “grosseiros”, identifica a baixeza moral; por último “triviais” representa o golpe final: apesar desta soma de características, ainda que negativas, os homens não se destacam, não têm nada de especial, são definidos sem apelo como desinteressantes, banais, comuns. As traduções produzem uma multiplicação absoluta e suplementar de sentido, em que, entre as diferentes versões, escolhas lexicais e significados se entrelaçam e se substituem numa estranha vertigem sinonímica. Nenhuma das versões é semanticamente semelhante à outra e cada uma interpreta o original de forma diferente, sobretudo na acumulação dos sentidos, que em cada caso segue uma lógica própria.

Em conclusão, pode deduzir-se deste breve exame, de valor meramente ilustrativo, que, para além do que é afirmado por uma parte da literatura crítica ou das declarações polémicas ou satíricas do próprio Machado, o adjetivo tem um valor estilístico relevante na sua produção. Essa relevância é multiplicada no contexto da tradução, para a qual representa um desafio complexo, pois questiona as relações semânticas específicas dentro do léxico de uma língua e suas possíveis correspondências em outras línguas. Ao procurar no corpus exemplos úteis para a reflexão efectuada até agora, encontrei uma relativa dificuldade em identificar ocorrências úteis, que não são muito frequentes. Isso, porém, só amplia o seu valor: se Machado considera o adjetivo uma categoria a usar com cautela, tanto mais quando está presente assume particular relevância. Se a afirmação de que se trata de “a alma do idioma” tem um valor irónico, isso não exclui o facto de que no seu uso reside um parâmetro significativo da língua e do estilo do grande escritor brasileiro.

## Referências Bibliográficas

- Assis, M. de (1911), *Mémoires posthumes de Braz Cubas*, traduit par Adrien Delpech, Garnier Frères, Paris.
- Assis, M. de (1928), *Memorie postume di Braz Cubas*, traduzione di Mario da Silva, Corbaccio, Milano.

- Assis, M. de (1929), *Memorie postume di Braz Cubas*, traduzione di Giuseppe Alpi, Carabba, Lanciano.
- Assis, M. de (1953), *Memorie dall'aldilà*, traduzione di Laura Marchiori, Rizzoli, Milano.
- Assis, M. de (1958), *Don Casmurro*, traduzione di Laura Marchiori, Rizzoli, Milano.
- Assis, M. de (1959), *Obras completas*, 4 vols., organização de Afrânio Coutinho, Aguilar, Rio de Janeiro.
- Assis, M. de (1990), *Quincas Borba. Le philosophe ou le chien*, traduit par Jean-Paul Bruyas, Métailié, Paris.
- Assis, M. de (1998), *Quincas Borba*, translated by Gregory Ravassa, Oxford University Press, New York/Oxford.
- Assis, M. de (2007), *Memorias póstumas de Blas Cubas*, traducción de José Ángel Cilleruelo, Montesinos, Barcelona.
- Assis, M. de (2009), *Quincas Borba*, traduzione di Elena Tantillo, Sette Città, Viterbo.
- Assis, M. de (2009), *Gioachin Borba: l'uomo o il cane?*, traduzione di Valentina Manzo, Mursia, Milano.
- Assis, M. de (2012), *Obras completas. Romances*, Autch, s.l.
- Assis, M. de (2014a), *Don Casmurro*, traduzione di Gianluca Manzi e Léa Nachbin, Fazi, Roma.
- Assis, M. de (2014b), *Dom Casmurro*, translated by Helen Caldwell, Daunt, London.
- Assis, M. de (2015a), *Mémoires posthumes de Braz Cubas*, traduit par René Chadebec de Lavalade, Métailié, Paris.
- Assis, M. de (2015b), *Dom Casmurro et les yeux de ressac*, traduit par Anne-Marie Quint, Métailié, Paris.
- Assis, M. de (2015a), *Crônicas*, LL Library, São Paulo.
- Assis, M. de (2018), *Posthumous Memoirs of Brás Cubas: A Novel*, translated by Neil McArthur, Lexicos, s.l.
- Assis, M. de (2019), *Don Casmurro*, traducción de Danilo Albero Vergara, edición propia.
- Assis, M. de (2020a), *Memorie postume di Brás Cubas*, traduzione di Daniele Petruccioli, Fazi, Roma.
- Assis, M. de (2020b), *Posthumous Memoirs of Brás Cubas: A Novel*, translated by Margaret Jull Costa and Robin Patterson, Liveright, New York.
- Assis, M. de (2020c), *Posthumous Memoirs of Brás Cubas: A Novel*, translated by Flora Thomson-DeVeaux, Penguin, New York.
- Assis, M. de (2022a), *Memorias póstumas de Blas Cubas*, traducción de Javier Fornell, Kaizen, Cádiz.
- Assis, M. de (2022a), *Don Casmurro*, traducción de Adriana García Arriola y Jorge Uribe, EAFIT, Medellín.

- Assis, M. de (2023a), *Dom Casmurro*, tradução de L.R. Rossi, Classics Press, s.l.
- Assis, M. de (2023b), *Dom Casmurro*, translated by H.J. Lowe, Classics Press, s.l.
- Carvalho, C. de (2018), *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*, Lexikon, Rio de Janeiro.
- Celani, S. (2022), *Traduttori falsari, autori fittizi e intertestualità nascoste: da Italo Calvino a Fernando Pessoa, passando per Eros Marana*, in Francesco Fava, Edoardo Zuccarto (ed.), *Margini della traduzione*, “Quaderni della Società Italiana di Traduttologia”, 1, pp. 63-79.
- Ferreira, A. B. DE H. (2007), *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro.
- Mengaldo, P. F. (1994), *Il Novecento*, in Francesco Bruni (ed.), *Storia della lingua italiana*, il Mulino, Bologna 1994, pp. 167-171.
- Neves, G. S. (1959), *Aspectos do artesanato literário de Machado de Assis*, in “Organon”, 3, pp. 87-109.
- Salomão, S. N. (2019), *Machado de Assis e o cânone ocidental: itinerários de leitora*, Eduerj, Rio de Janeiro.
- Sampaio, R. (1964), *Estilo de Machado de Assis*, in “Ocidente”, 67, pp. 226-235.